

Diversão & Arte

Brad Pitt interpreta Jack Conrad e Diego Calva dá vida a Manuel Manny Torres, no retrato de figurões da meca do cinema

Numa escala monumental, *Babilônia*, o novo filme do mesmo diretor do premiado *La la land*, presta homenagem à era da sonorização do cinema, em produção liderada por Brad Pitt e Margot Robbie

Babilônia estampa, a cada fotograma, o esforço do investimento de US\$ 110 milhões

Damien Chazelle comanda o quarto longa da vida

Margot Robbie é a razão de ser do filme, no papel de Nellie LaRoy

Ode ao cinema de ontem e de hoje

dinossauros que “impedem” a renovação de meios de expressão como o cinema.

Celebração de mestres

Com uma estrutura à la *Nashville* (filme de Robert Altman que condensou o universo da música country, em 1975), o diretor Damien Chazelle pendente ainda para um painel monumental e estridente, avizinjado às marcas do colega Baz Luhrmann (de *Moulin Rouge* e *O grande Gatsby*). Bastante ambicioso, o diretor ainda incorpora temas do cinema longo-metragem *Birdman* (2014), virou pelo avesso a vida de um decadente ator de teatro, no premiado longa-metragem *Birdman* (2014).

Na ilusão de reaver o sucesso, o personagem de Pitt é dos mais abatidos, no prenúncio de seu fim — e ele chega a ouvir um sonoro “o seu tempo acabou”, dito por aquela que ele vê como “reles barata”: a alcoviteira da mídia Elinor (Jean Smart, em participação espetacular).

Empilhando até mortes de personagens, em defesa de esforços pela sétima arte, no filme que presta homenagem ao clássico *Cantando na chuva* (1952), o diretor Damien Chazelle apela para referências de Quentin Tarantino. Personagens desbocados, orgias indescritíveis e uma galeria de tipos “desclassificados” e uma sensualidade desmedida atravessam a tela. A valorização (e os desatinos) de representantes étnicos como a oriental cantora Fay Zhu (Li Jun Li) ou o trompetista negro Sidney Palmer (Jovan Adepo) demarcam diferenças no enredo, que vêm embalado pela singular música do compositor Justin Hurwitz (premiado com o Globo de Ouro, e lembrado por *La la land*). Entre tanto alvorço e descontrole que *Babilônia* registra, é impressionante ver o efeito das imagens de um set pausado à espera de uma câmera se movimentar.

» RICARDO DAEHN

Uma imensa e surpreendente extravagância em cinema, ao custo de US\$ 110 milhões, com esmerada rentabilidade na edição do Oscar 2023, resultou no longa-metragem *Babilônia* que, depois de toda a quietude da sétima arte no século 20. “De *primeiro homem*”, queria fazer um filme turbulento e em alto tom. Pretendemos acabar com preconceitos em cima de uma era do cinema”, comentou o diretor de *Babilônia*, Damien Chazelle, em recente evento assina do 38º aniversário de Toronto. Curiosamente, o filme estreia no Brasil, em 19 de janeiro, no mesmo dia do Festival Internacional de Chazelle.

“Em *Babilônia*, tive permissão para fazer absolutamente todos os dias no set”, comentou a atriz Margot Robbie, estrela da sétima arte que reverbera mistos da trajetória real de Alma Rubens, atriz que foi dependente química, e da explosiva Joan Crawford, entre outras. De olho no sucesso, Nellie é capaz de tudo — derrama, com técnica, apenas uma lágrima numa tomada de cinema mudo; vomita entre grá-finos e se abastece com todo o tipo de droga possível.

“Ao inferno que ergueram Hollywood e estão retratados em *Babilônia*. Sai de cena a sofisticação das montagens teatrais da Broadway, apresenta-se um crescimento na demanda por artistas negros e irrompe, na tela, o nascimento do futuro bairro nobre e opulento de Bel Air, ainda

feito apenas de barro californiano, em 1926. Numa aliança imediata com Nellie LaRoy, o mexicano Manuel Torres, ao acaso se infiltra na meca do cinema. O papel rendeu uma chance a Diego Calva que, aos 30 anos, alcançou a primeira indicação ao Globo de Ouro de melhor ator em comédia. “O filme me desafiou a um nível totalmente novo (de interpretação), como num videogame”, afirmou, em meio a rasgados elogios.

Assumidamente depressivo, em alguns momentos da vida real, Diego Calva teve tudo para se entusiasmar, se levado em conta o astral do colega de cena, Brad Pitt, igualmente indicado ao Globo de Ouro, pela interpretação do novo astro ao *The Guardian*. Fora das telas, a admiração pela colega de cena Margot Robbie foi explícita. “Ela certamente estará nos livros da história do cinema”, afirmou, em meio a rasgados elogios.

Assumidamente depressivo, em alguns momentos da vida real, Diego Calva teve tudo para se entusiasmar, se levado em conta o astral do colega de cena, Brad Pitt, igualmente indicado ao Globo de Ouro, pela interpretação do novo astro ao *The Guardian*. Fora das telas, a admiração pela colega de cena Margot Robbie foi explícita. “Ela certamente estará nos livros da história do cinema”, afirmou, em meio a rasgados elogios.

Inserido no que acredita ser “mais importante do que a vida” — a lida no cinema — Manuel (Diego Calva) esbarra com o astro Jack Conrad (Pitt), ainda no auge, antes da derrocada, concomitante ao desajuste de Nellie, prejudicada pela era do cinema falado, em que tem a voz tachada de “esganada” e se entrega à jogatina desenfreada, depois de ser tida como um “animal degenerado”, entre testes com figurões, a fim de reformular carreira, com o advento do som (em cinema), Conrad ostenta um currículo de bebedeiras, mas, na mesma medida, de certa coerência. Numa das melhores cenas, ele defende a “não obstrução ao progresso” e culpa

Whiplash: Em busca da perfeição (2014)

• Estudante de jazz (Miles Teller) enfrenta os métodos desumanos do professor interpretado por J. K. Simmons (Oscar de melhor ator coadjuvante). O filme independente de Chazelle conquistou ainda prêmios na categoria de edição e mixagem de som.

La la land — Cantando estações (2016)

• Difundida como um estado de extravagância ou de faz de conta, a expressão inglesa *la la land* bem define quimeras dos protagonistas: Sebastian (Ryan Gosling), devoto do jazz, e Mia (Emma Stone) uma aspirante a atriz. O amor entre ambos poderia prejudicar a realização profissional da dupla? O filme ganhou seis prêmios Oscar, incluídos os de atriz e direção.

O primeiro homem (2018)

• O registro das agitações e dos bastidores para o futuro feito do passeio na Lua vem sem excesso de patriotismo e dá relevância à formação de Neil Armstrong (Ryan Gosling), astronauta célebre por feitos e pela frase: “Um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade”.

O ENVOLVENTE CINEMA DE CHAZELLE



Whiplash: em busca da perfeição



O primeiro homem



La la land